

LANARO, João. O livro do Sinésio Pedroso. Correio Popular,
Campinas, 28 fev. 1976.

O livro do Sinésio Pedroso

Correio Popular

João LANARO 28/2/76

Não há necessidade de apresentação do autor de "Felicidade em Preto e Branco".

Homem essencialmente de jornal, em cuja trincheira, ainda bem jovem, desempenhou funções de responsabilidade, é conhecedor, também, dos segredos da imprensa falada (rádio), bem como da televisão, cujos meandros palmilhou, por algum tempo, em São Paulo.

Falo, portanto, obrigatoriamente, de Sinésio Pedroso, que escreveu e assinou a sua obra, já lançada e que me veio às mãos encampando dedicatória que é bem uma afirmação da nossa boa camaradagem quando juntos, diuturnamente, labutávamos, primeiro no "Diário do Povo", em companhia de seus dois irmãos, Abel e o J.C. Pedroso Júnior, este, na chefia da redação. Depois, foi no jornal "A Defesa", onde, Sinésio, já tarimbado, respondia pela secretaria com a obrigação também dos editoriais, coluna de honra ocupada pelo Pedrozinho (jornalista de primeira água), já então fascinado pelos ouropéis da política que o levou à Câmara dos Deputados, em cujos anais estão — sem dúvida — o trabalho que prestou à nação e em especial à classe ferroviária.

Puxa! A gente começa a lembrar de velhos tempos e vai se esquecendo do principal assunto, que, no caso, é o livro do Sinésio Pedroso, "Felicidade em Preto e Branco".

Que eu me recorde, não houve no seu lançamento a costumeira "Noite de Autógrafos", movimento, aliás, nada recriminável e até necessário, levando-se em conta a dificuldade que hoje em dia é flagrante, ou seja, a possibilidade de encontros com pessoas amigas, ou mesmo conhecidas. Partindo deste fato, o livro na sua feitura gráfica, é *sui generis*. Suas 395 páginas foram escritas de próprio punho, e nelas — que são pretas — aparecem em branco, que dá ao leitor a oportunidade de observar a letra (diferente de quantas tenho visto), do seu autor.

Por isso, que Sinésio Pedroso, no próêmio, explica: — "Foi assim que eu imaginei e realizei este livro. Haverá quem dele não goste mas, também os que o apreciarão. Ele foi escrito para os que dele gostarem. Aos outros, desculpas".

"Felicidade em Preto e Branco", é diferente porque não têm personagens. Qualquer ser humano pode estar em suas páginas e nem há necessidade da sua leitura ser contínua, página após página. Não se corre o risco de se perder o fio, ou de voltar atrás em busca de algo para completar a leitura.

Profissional completo, observador arguto das coisas do cotidiano, Sinésio Pedroso escreveu com a sua própria letra, fatos singelos do dia-a-dia não só vividos por ele, como e também, por muitos personagens, que — tal como foi dito acima — pode ser eu, o leitor destas linhas ou outra pessoa. Por exemplo: "Um dia eu somei toda a minha vida. Tudo quanto havia estudado: no grupo escolar, ginásio, faculdade. O que eu havia vivido também. Os anos (tantos) de jornalismo; de rádio, começando dos alto-falantes. Os de televisão. Leitura (eu sempre li muito) menino muito pobre; juventude também. Minhas experiências, as pessoas que eu conheci. De que valerá tudo isso, se eu não souber viver?"

Diplomado em filosofia, o autor transcende o jornalista e o radialista, marcando sua obra, pode-se dizer filosófica, aprofundando, refletindo e explicando através de histórias verdadeiras, tal como esta: "No Sanatório de Pirapitingui existe um leproso que há 25 anos ali se encontra e que escreve lindas poesias. A doença o devorou. Poucos o vêem. Porém, ele continua escrevendo. Sempre sobre os seus temas favoritos: amor a Deus, bondade, ternura".

Sobre o relacionamento das pessoas entre si, Sinésio Pedroso, escreve: — "O convívio das pessoas entre si é, positivamente, dramático. Quase não se presta atenção, mas sempre existe um desgaste terível de emoções nesses relacionamentos. Ou se fala de mais, ou de menos. Os gestos, as conversas, o que desejamos que pensem de nós. Como nos preocupamos em ser aceitos! Então, pode-se perder a personalidade. Vê-la diluída, quando se fica só. A frustração que se pode sentir: será que fomos?"

Oportuno e acertadamente, o autor à página 67, em meio ao recheio de pensamentos, ressalta: — "Já é tempo de o homem parar de brincar do que pode fazer e perguntar o que deve fazer".

De quando em quando salta nas páginas do livro, o profissional de imprensa, que informa: "Incidentalmente vamos informar que, na Suécia, grupos de médicos, especialistas em doenças do coração, concluíram que um dos mais eficientes métodos de tratamento é o de andar de bicicleta. Então além de receitarem isso para os seus clientes, eles próprios se agruparam e andam alegremente de bicicletas. É hoje espetáculo comum nas estradas".

Para encerrar esta despretenciosa apreciação do livro "intrinsecamente incomum, cujas dificuldades foram também incomuns", e que por isso deram muito trabalho aos irmãos Antônio e Celso Garcia, bem como ao fotógrafo Frederico Milanese, da "Garcia Litográfica", de São Paulo, veja o leitor como o Sinésio Pedroso, interpreta o livre arbítrio:

"O problema do livre arbítrio é um dos mais amplos e polêmicos que possam existir. (Haverá o destino?)" E prossegue: "Com toda a pujança de conhecimentos de que o homem dispõe, o que podemos afirmar como síntese, é que o homem não está amarrado a um escrito como um artista que executa suas falas e obedece as marcações do diretor. Porém, não está inteiramente livre. Há mesmo incontáveis fatos nos quais o homem se envolve como se fosse um brinquedo, ou destino. Se todo o ser humano tem livre arbítrio é fácil perceber que se você apertou o gatilho foi um ato de livre arbítrio, mas você não dominou o destino do projétil e alguém será vítima na sua trajetória. Este alguém nada pode fazer para evitar e então sofreu um ato de destino. E arremata: — "O que eu desejo que você compreenda é exatamente isto: de nada podemos ter certeza total."

O livro pelo seu ineditismo gráfico, desperta o leitor que o tem nas mãos. Fatalmente, ele também apreciará o seu texto cheio de mensagens que ajudam o homem a se afastar cada vez mais do animal.

A sua filosofia não é somente livresca, ela é tirada do dia-a-dia de cada um, principalmente a do próprio autor que é um ser humano, tal como o leitor, e eu, igualmente.

Comigo, não há o que desculpar: Gostei.